



(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director e Proprietário: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
 Empresa Editora e Tip. União Gráfica, Travessa do Despacho, 16 — Lisboa

Administrador: — *Padre António dos Reis.*
 Redacção e Administração: Seminário de Leiria

Crónica de Fátima

Fátima é o trono mais belo e mais esplendoroso de piedade e amor filial erguido sobre a terra ao Sagrado Coração de Maria Imaculada, Rainha do Santíssimo Rosário.

«Fóra ávante Fátima é indestrutível. Seguindo as pisadas de sua irmã mais velha — Lourdes, que há quasi um século, do alto da sua basílica, lança um repto ao positivismo ateu, Fátima torna-se cada vez mais gloriosa e arrosta, também ela, vitoriosamente, com o ódio e a incredulidade.»

Fêcho do opúsculo «Notre-Dame de Fátima», por *Gaspar, Pizarro, S. J.*

A liturgia da Igreja no dia da primeira aparição.

A primeira aparição realizou-se no dia treze de Maio de mil novecentos e dezassete, à hora do meio dia solar, quando os pastorinhos andavam brincando e não podiam prevêêr o que se ia passar de extraordinário.

Fátima estava, na ocasião das aparições, incorporada no Patriarcado de Lisboa. O calendário diocesano marca para esse dia, como festa própria e privativa, a festa da dedicação da igreja de Santa Maria dos Mártires.

Na época da reconquista cristã da Península Ibérica, o fundador da nacionalidade portuguesa, D. Afonso Henriques, tendo já conquistado aos mouros quasi todo o território situado ao norte da foz do Tejo, pôs cerco à cidade de Lisboa, e, com o auxílio que lhe prestou uma armada de cruzados que se dirigiam à Terra Santa, apoderou-se dela depois duma luta renhida, em que pereceram também muito cristãos.

A protecção da Rainha dos Anjos

O valoroso primeiro rei da dinastia afonsina tinha implorado fervorosamente a protecção da augusta Mãe de Deus para a sua heróica empresa e prometido que, se ela fôsse coroadada de êxito, mandaria edificar duas basílicas em honra da Santíssima Virgem, uma na parte ocidental e outra na parte oriental da cidade conquistada. Concluída a empresa, com felicidade, deu-se pressa em cumprir o voto que fizera e ordenou que na basílica ocidental fôsse colocada a imagem da Virgem Santíssima, cuja presença no campo de batalha, aonde fôra levada por um dos chefes, quando o êxito era ainda incerto, incutiu nos soldados cristãos uma coragem tam grande que lhes fez alcançar vitória.

Como nesse tempo era costume chamar mártires aos soldados cristãos que morriam em combate contra os infiéis e esta basílica tivesse sido construída no local onde os seus cadáveres estavam sepultados, começou a ser vulgarmente designada pelo nome de igreja de Santa Maria dos Mártires, título que se conservou até aos nossos dias com o consentimen-

to dos Prelados diocesanos e com a aprovação do Santo Padre o Papa Urbano sexto, sendo a festa da sua dedicação celebrada em Roma no mesmo dia em que é celebrada em Lisboa.

Privilégios da igreja dos Mártires.

Esta igreja é a primeira da capital portuguesa em que, depois da reconquista, se celebrou o culto cristão. Por esse motivo, a pedido dos Bispos seus titulares e dos reis de Portugal, os Sumos Pontífices conferiram-lhe privilégios extraordinários.

A partir do ano de mil oitocentos e cinquenta e um, por concessão de Sua Santidade, o Papa Pio IX, de saúdosa memória, esta festa, que possui officio e missa especiais, celebra-se com rito duplo de primeira classe e oitava na própria igreja e com rito duplex de segunda classe sem oitava em todo o Patriarcado.

Um grande sinal no Céu

As primeiras palavras do próprio, no officio divino, são as que formam o versículo e o responsório de vésperas: «Saístes para salvação do vosso povo, alegrai-vos, para salvação com Cristo, alegrai-vos».

A primeira antífona de laudes diz que apareceu no Céu um grande sinal: uma mulher que tinha o sol por manto, a lua por escabelo e na cabeça uma corôa de doze estrélas.

O hino de vésperas proclama que a Virgem Santíssima se eleva entre os astros. O versículo e o responsório insistem no motivo da sua vinda. Finalmente a antífona do *Benedictus* diz: «Bemdito seja o Senhor, que por meio da bemaventurada Virgem Maria visitou o nosso povo e a nossa cidade e nos libertou da mão de todos aqueles que nos odiam e dirigiu os nossos pés para o caminho da paz». De resto, por todo o officio, são continuas as alusões à acção benéfica da Rainha dos Anjos em prol do seu povo, de quem é Padroeira, e à alegria, confiança e entusiasmo com que elle a aclamava nas suas apoteoses de Fé e piedade.

E' em extremo consoladora para todos os católicos portugueses a con-

corrência desta festa com o primeiro dia das aparições.

De-certo será permitido ver em tam singular coincidência mais um indício da sua sobrenaturalidade.

Portugal e o Imaculado Coração de Maria.

No dia treze de Maio do corrente ano, em que passa o décimo quarto



D. José da Cruz Moreira Pinto

Sua Ex.^{cia} visitou o Santuário de Fátima, no dia 10 de Novembro de 1930 e aí celebrou a Santa Missa

aniversário da primeira aparição da Virgem Santíssima aos humildes e inocentes pastorinhos de Fátima, Portugal inteiro será consagrado, solene e oficialmente, ao seu Puríssimo e Imaculado Coração. Assim foi, mercê de Deus, definitivamente resolvido, na mais perfeita unanimidade de vistas, pelos nossos venerandos Prelados, na sua última reunião extraordinária.

Já consagrado ao Santíssimo Coração de Jesus, cujas chagas estão gravadas na gloriosa bandeira das quinas, tornava-se mister que o nosso país fôsse igualmente consagrado ao Coração da sua Mãe Imaculada.

Esta noticia tão grata e tão consoladora, percorrendo de norte a sul e de leste a oeste todos os recantos do território nacional, fará sem dúvida vibrar de intensa alegria e de ardente entusiasmo a alma cristianíssima da Pátria, tão profundamente piedosa e tão devota da augusta Mãe de Deus.

Impõe-se desde já, urgentemente, a organização duma cruzada de orações e de sacrificios, para que esse fausto acontecimento constitua o penhor auspicioso duma chuva copiosíssima de graças e bênçãos de toda a ordem sobre todos nós e sobre o mundo inteiro. Nesta hora de grandes incertezas, em que se debatem os problemas mais angustiosos para a vida das nações e em que a humanidade desvalhada se encontra à beira dum abismo sem fundo, no mais temeroso *tournant* da sua história multi-milenar, não há que contar senão com a força espiritual e incoercível dos imponderáveis para impedir que ella se precipite e pereça sem remédio e para sempre.

A sociedade portuguesa, dividida em numerosos partidos e facções, que se degladiam mutuamente com o mais vivo encarniçamento, assenta, como o resto do mundo, na sua calma aparente e illusória, sobre um vulcão acceso de ódios e de ressentimentos a custo represados.

Só a Virgem Bemdita, excelsa Padroeira de Portugal, que, desde o início da nossa nacionalidade, nos amparou sempre com a sua eficaz protecção maternal, nos poderá salvar de tantos e tão grandes perigos iminentes, restituindo às almas a paz e a

tranquilidade perdidas e inspirando aos corações ulcerados pelo ódio e pela cólera sentimentos de benevolência e de caridade cristã.

Oremos, pois, para que, por sua valiosa intercessão, como celeste Mediadora de todas as graças, o Senhor, na sua infinita misericórdia, se compadeça das nossas desditas, fazendo que, a terra de Maria, em pleno coração da terra de Santa Maria, todos os portugueses, prostrados a seus pés, numa homenagem soleníssima de piedade e amor filial, se abracem e fiquem unidos para sempre num amplexo verdadeiramente fraternal.

As comemorações oficiais.

O dia treze de Fevereiro, ao contrário do que se esperava, amanheceu chuvoso e frio. Apesar disso, a afluência de fiéis ao recinto dos santuários, foi assás considerável, na medida em que costuma ser nos meses mais concorridos da quadra invernal.

Mercê da chuva, os actos religiosos comemorativos das aparições realizaram-se na igreja da Penitência, que regorgitava de peregrinos. A missa oficial, celebrada por um dos capelães dos servitas, acolheu o sr. Dr. Fernando Ribeiro Vieira de Castro, juiz aposentado do Tribunal de Relações do Porto e presidente do Conselho Superior das Conferências de S. Vicente de Paulo de Portugal, que tem a sua sede naquela cidade. Este ilustre, venerando e benemérito vicentino é irmão do grande Bispo Missionário o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor D. Teotónio Ribeiro Vieira de Castro, Patriarca das Índias Orientais.

A festividade das Cinco Chagas.

A estação da missa, prêgou um substancial sermão o rev. Augusto de Sousa Mala, secretário de Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Bispo de Leiria e professor de ciências eclesásticas no Seminário Episcopal da mesma cidade. O distinto orador dissertou durante cerca de meia hora sobre a solenidade litúrgica do dia, profundamente cristã e eminentemente patriótica—a festa das Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo. Não se efectuaram as procissões do costume, porque o tempo não o permitiu, nem foi dada a bênção aos doentes, mas só a bênção geral, porque nenhum tinha sido inscrito para esse fim no respectivo registo pelo Posto das verificações médicas. Muito antes de caírem as primeiras sombras da noite, com a rápida debandada dos peregrinos, já a Cova da Iria tinha voltado a ser a estância silenciosa e recolhida propícia ao trabalho fecundo do espírito de todos os que a procuram para as grandes e salutares reformas da vida ou para os intensos e preciosos afevoramentos da piedade.

Apóstolos de Fátima.

O rev. Gaspar Pizarro, S. J., sacerdote português residente em Louvain, faz parte da numerosa pléiade de escritores e jornalistas, que no estrangeiro têm sido os apóstolos de Nossa Senhora de Fátima.

Dotado dum zelo ardoroso e duma actividade incansável, publica e promove a publicação de artigos sobre os acontecimentos da Cova da Iria em jornais e revistas dos países da Europa Central e Setentrional, especialmente na Bélgica e na Holanda.

Ao mesmo tempo, aproveitando todos os momentos livres das obrigações do seu ministério, percorre várias terras, fazendo conferências com projecções e distribuindo por toda a parte estampas impressas em diversas línguas, à semelhança do príncipe dos apóstolos de Fátima, o grande historiador alemão e lente da Universidade de Bamberg, rev. Dr. Luís Fisher.

Há pouco encomendou cerca de vinte e cinco mil estampas em cinco línguas e organizou, com fotografias, que lhe foram enviadas de Roma, um novo filme de Fátima em substituição do primeiro de que se utilizava nas suas conferências e que já era deficiente.

A gênese dum opúsculo sobre Fátima.

Ultimamente deu à estampa em francês um opúsculo com o título

«Nossa Senhora de Fátima» e o subtítulo «Breve notícia das aparições da Santíssima Virgem do Rosário em Portugal, no ano de 1917.»

Eis como o autor explica a gênese desta publicação numa carta dirigida ao venerando Prelado de Leiria. «Por estes dias enviarei a V. Ex.^a Rev.^{ma} uma brochurazinha ilustrada sobre os acontecimentos da Cova da Iria. Fizera tantos pedidos de «notícias das aparições» que não tive outro remédio senão refundir e corrigir um pouco os artigos publicados, reduzindo-os à forma de brochura. Desta sorte, visto não se tratar de nova redacção, não foi necessária nova censura. E como Nossa Senhora abençoa visivelmente a propaganda, o impressor interessou-se pelo trabalho e tomou a peito fazer uma brochura tanto quanto possível elegante, ilustrada com quatro fotografias. Mandei imprimir mil exemplares, que ficarão por uns oitocentos francos. Mas o editor disse-me espontaneamente que guardava a composição, pois estava certo de que teria de fazer em breve nova edição.»

O folheto tem trinta e duas páginas e está dividido em quatro capítulos:

As aparições. — As peregrinações. — Curas prodigiosas. — Expansão da devoção no estrangeiro. As gravuras esplêndidas e de página, representam *Nossa Senhora de Fátima. — Os três Pastorinhos. — A peregrinação de treze de Julho de 1930. — A peregrinação Nacional de treze de Maio de 1928.*

O humilde cronista de Fátima agradece muito penhorado a gentileza da oferta dum exemplar com que o distinto escritor se dignou honrá-lo.

Fátima na Bélgica.

Duma carta do sr. Bernardo Xavier Coutinho, português residente na Bélgica, para o venerando Prelado de Leiria, datada de 8 de Dezembro último, transcreve-se o seguinte trecho bastante interessante: «Recebi os livros a que V. Ex.^a Rev.^{ma} se refere e a que resolvi já destino. Um irá no fim das férias para um colégio franciscano brasileiro aqui existente perto da fronteira alemã. Neste colégio falam quasi exclusivamente o alemão.

Será um bom meio de penetração: o que dá mais resultado é mostrar a luz e deixar que os outros a consigam pelo seu esforço. Nós, os portugueses, temos de ficar atrás da cortina, aliás correremos o risco de passar por *chauvinistas*, patriotas exagerados, e o nosso esforço ficará sem resultado, pelo menos sensível.

Os demais exemplares irão para onde Nossa Senhora quiser. Vou adoptar a prática de penetração por meio dos conventos e casas de educação. Um dos folhetos da «Revue du Rosaire» fi-lo circular pelos alunos do Seminário Leão XIII, outro vou entregá-lo com a tradução portuguesa do Dr. Fisher ao convento do Bom Pastor.

Uma enfermeira da Irmã Maria do Divino Coração.

Cousa interessante! Conseguimos descobrir três religiosas portuguesas exiladas há dezassete anos. Amam a Pátria, rezam por ela e estão separadas dela. Suspiram pelo dia em que possam respirar ar português. Aguardam os designios da Providência e esperam confiadamente. Fui já lá—ao Bom Pastor—duas vezes; na última falaram-me de Fátima... que tinham ouvido umas referências... As suas mãos pouco mais chegara que uma pequena estampa com um resumo em francês. Era a propaganda do nosso P. Pizarro. Que nada sabiam... Nossa Senhora teria aparecido em Portugal?... Eu disse-lhes, contei-lhes o que sabia e como sabia.

Ficaram contentes, radiantes.

As pobrezinhas, coitadas, já não sabem falar a nossa língua, uma sobretudo; e por sinal, uma destas pessoas, que no seu rosto, no seu todo, deixam logo transparecer qualquer coisa de extraordinário, é assistente no con-

vento, esteve no Bom Pastor do Porto e durante a doença da Irmã Maria do Divino Coração foi sua dedicada enfermeira. E' natural de Gaia. Lembra-se de muitas coisas do Porto e entre elas do Cônego Correia da Silva de quem lhe falei como sendo o Bispo de Nossa Senhora de Fátima.

Prometi voltar para raios e levar cousas sobre Fátima. Oh! como elas falarão com entusiasmo deste culto, que vai avassalando o mundo, às suas educandas e às suas companheiras em religião!...

Visconde de Montelo

Graças de N. Senhora de Fátima

Garrotilho

Ovar 8 de Dezembro de 1930. Venho por este meio agradecer à S. S. Virgem um grande milagre que fez a um filho meu de 8 anos de idade. No dia 23 de Fevereiro



José de Pinho Saramago

do ano passado às 9 horas da noite foi atacado por um grande ataque de garrotilho e eu, muito aflita, corri logo ao médico mais próximo que me disse já estar o mal muito adiantado; que lhe ia aplicar as injeções mas que de nada valeriam.

Lembrei-me então de pedir a N. S. S. do Rosário de Fátima que lhe valesse. Comecei a fazer uma novena e a dar-lhe água de Fátima. Passadas algumas horas já podia falar e no dia seguinte quando o médico chegou ficou muito admirado de uma tão repentina mudança dizendo-me que o menino estava salvo o que foi verdade porque passados 3 dias estava completamente bom graças à Mãe do Céu.

Dor sciática

António Evaristo de Medeiros residente na Ilha do Faial freguesia de Castelo Branco contando 50 anos de idade, venho por este meio declarar, publicamente, que sofri durante 15 anos duma dor sciática numa perna, conseguindo com muito custo agenciarem meios para sustentar a minha numerosa família.

Fui tratado pelos melhores médicos desta Ilha mas nunca foi possível obter a cura; e como a minha doença foi de longos anos fui piorando mais até ao ponto de ficar com uma coxa saída de maneira que quando ia para tomar as refeições não era possível sentar-me e só me podia servir do alimento deitado ou virado de lado.

Mais tarde cheguei a não poder trabalhar absolutamente nada. Resolvi abandonar os médicos por não obter cura alguma e porque sendo pobre não me era possível angariar dinheiro para comprar os medicamentos.

Sabia no entanto que um vizinho meu tinha mandado buscar uma garrafa de água à gruta de N. Senhora de Fátima e pedi-lhe uma pequena quantidade dessa água para tomar com a maior fé que me foi possível ter.

Graças a Deus a minha fé não foi balda pois logo que comecei a tomar umas gotas de água principiei a sentir alívios!

Agora graças e louvores sejam dados em todo o mundo e em todos os séculos à Nossa Mãe do Céu. Já vai em 2 anos que nunca mais senti dor na perna e o meu corpo está perfeitamente direito como era antigamente antes da doença.

Em acção de graças todos os meses no dia 13 me apoximo da Sagrada mesa da comunhão.

Meningite

Teresa Calhau Rolim muito reconhecida à Virgem da Fátima vem publicar uma graça recebida: tendo uma filhinha com um ano de idade com uma meningite sifítica e tendo o médico que a tratava considerado o caso fatal a Virgem lhe concedeu a graça da cura por meio da água da

mesma Senhora a quem recorreu muito aflita.

Graças infinitas à Virgem Santíssima.

Doença na garganta

Francisco Pereira, casado, cabo da guarda fiscal, natural da freguesia do Caniço, Concelho de Santa Cruz, Ilha da Madeira, sofrendo há anos da garganta e recorrendo a alguns médicos do Funchal que me diziam uns ser da barriga outros da laringe, outros diziam-me que não apanhasse frios se quizesse que o mal passasse, o que não podia fazer devido ao meu serviço. Vendo-me assim pelos conselhos médicos impossibilitado de sair de casa lembrei-me, como eu não me confessava há mais de 25 anos talvez, de prometer à Virgem N. S. S. do Rosário de Fátima que mandaria dizer uma missa e uma novena e me confessaria por essa ocasião e me continuaria a confessar pelo menos uma vez por cada ano na Quaresma ou na Páscoa da Ressurreição, se N. S. S. de Fátima intercedesse junto do nosso Pai Celestial para que me curasse pois já sofria há muitos anos sem ter na terra quem me curasse. Graças a N. S. S. de Fátima Mãe tão boa obtive do Nosso Pai do Céu a minha cura quasi completa. Cumpri logo a minha promessa e hoje graças ao Altíssimo Deus e a minha Boa Mãe do Céu, ando de noite, apanho frio, e já não sofro como sofria. As vezes ainda sofro um pouquinho mas sei bem que às vezes os que são saudáveis também constipam, mas a minha tosse já não é como era dantes.

Graças à Virgem Mãe do Céu N. S. S. de Fátima que assim me concedeu a sua digna e amável protecção.

Lesão cardíaca

Rogo a V. Ex.^a a fineza de mandar publicar na *Voz de Fátima* a seguinte graça que recebi e atribuo a Nossa Senhora.

Todo o verão andei muito doente com faltas de ar e cansaço não podendo fazer nada, e quasi não saindo de casa. O médico classificou a minha doença de lesão cardíaca.

Vendo eu que os medicamentos já pouco me faziam e tendo a minha primeira filhinha apenas com alguns meses, recorri com confiança à minha querida Mãe de Fátima, prometendo publicar esta graça se os médicos em Coimbra me não encontrassem nada no coração.

Graças a Nosso Senhor assim mo declararam quando lá fui, dizendo também o médico assistente que estou com o coração sem o aceleramento que tinha, e podendo já andar bastante, ler, rezar e ocupar-me todo o dia da minha obrigação de mãe, embora tenha ainda às vezes uns bocaditos desse mal estar que nada é para comparar com o antigo.

Julgo pois, cumprir assim um dever de consciência para com a minha Mãe do Céu e contribuir para sua maior glória.

Doença no sangue

Há 12 anos que venho sofrendo de uma doença forte no sangue, doença esta que me provocou várias outras: debilidade no peito, sofrimento no estômago, e por último uns suores frios que me retiveram de cama durante 5 meses, sendo necessário mudar de roupa constantemente. Fui primeiro tratado pelo sr. dr. Silva, médico que residia então em Ilhavo, depois pelo sr. dr. José Rito e vários outros, sempre sem resultado algum. Por último fui a Coimbra consultar o sr. dr. Rosete o qual me declarou que a minha doença era incurável.

Um dia falando com um homem meu conhecido, pai dum sacerdote, fui por ele aconselhado a que fosse a Fátima e que de lá viria curada. Vim para casa e disse ao meu marido; mas ele não concordou dizendo-me que não aguentaria a viagem, devido ao grande estado de fraqueza em que me encontrava; mas eu tanto insisti que ele sempre cedeu. Fomos então lá no dia 13 de Maio de camionete. Ia cheia de fé no poder da Santíssima Virgem; porém fui sem me preparar porque eu nem mesmo sabia em que consistia a preparação.

Mas quando cheguei à Sé de Leiria senti tamanho desejo de me confessar que não pude resistir, e disse ao meu marido que fosse chamar um sacerdote, porque compreendi então que o confessar-me era a verdadeira preparação. Confessei-me, pois, e segui para Fátima.

Logo que cheguei à Cova da Iria incorporei-me na procissão das velas conforme pude; porém sentia uma grande secura e queixei-me; então uma mulherzinha ofereceu-me água que recusei com receio de me fazer mal devido a estar muito suada; porém a mulherzinha insistiu comigo dizendo-me que bebesse pois aquela água não fazia mal a ninguém. Bebi. Depois da procissão e de tudo estar concluído, cheguei-me vontade de comer e comi com verdadeiro apetite, coisa que até ali não acontecia, e graças a Deus e ao poder da Santíssima Virgem nada me fez mal, ao contrário do que se dava dantes.

O que é certo é que vim de lá bem ficando apenas com uma afliçãozinha no estômago, a qual acabou de desaparecer na visita que fiz em 13 de Maio passado a esse Santuário bendito.

Trabalho, governo a minha vida e como de tudo tanto frio como quente e nada me faz mal.

Peço-lhe, pois, mais uma vez que se digno publicar esta grande graça na *Voz da Fátima* para maior honra e glória de Jesus e da Santíssima Virgem Sua e nossa Mãe Bendita.

Quisto

Maria Guiomar M. Lobato de Sousa, tendo-me nascido um quisto na pálpebra superior do olho esquerdo e tendo-se desenvolvido extraordinariamente e quasi resolvida a deixar fazer a extracção que os médicos me impunham recorri com toda a confiança e devoção a Nossa Senhora prometendo publicar a graça se ela permitisse que o mal desaparecesse sem intervenção cirúrgica. Principiei a colocar sobre o quisto pãezinhos de água de Nossa Senhora e com tão feliz resultado que em breve o quisto abriu começando a despejar o pus até ficar inteiramente curado.

Hoje estou completamente bem. Bendita seja Nossa Senhora de Fátima.

Carta de agradecimento

Benguela (*Africa Occidental*) 26 de Dezembro de 1930.

Ex.^{mo} Sr.

Cheia de reconhecimento e gratidão para com a Santíssima Virgem, venho para sua glória e cumprimento da minha promessa, pedir para mandar publicar na *Voz da Fátima* a graça que Nossa Senhora me concedeu.

Estava em Coruche, havia já alguns meses em casa de pessoas de família. Adoeci em 15 de Fevereiro de 1929 com uma grave doença de rins, que me obrigou a estar alguns meses de cama, chegando as pessoas que me tratavam e as que sabiam o meu estado, a dizerem que era impossível escapar, a pesar do grande cuidado do meu médico, sr. dr. Virgílio de Campos, a quem eu fiquei também para sempre grata, pela alta sabedoria e carinho com que sempre me tratou. As crises continuavam. Julgando-me muitas vezes nos últimos instantes da minha vida cheguei a receber os últimos Sacramentos; enfim preparei-me para morrer. Tinha crises horribes, e foi numa dessas aflições, que eu com o pensamento naquella que é a saúde dos enfermos, lhe pedi a graça de me curar, e que eu ainda tivesse a felicidade de voltar à minha terra natal, abraçar os meus entes queridos. Se Nossa Senhora ouvisse a minha súplica, mandaria publicar a graça no seu jornalzinho; e, ainda que muito indigna, a Santíssima Virgem curou-me. Fiz também a promessa de logo que pudesse ir ao Santuário da Cova da Iria aos pés da Consoladora dos aflitos, agradecer-lhe a graça recebida, o que já fiz em 13 de Outubro do mesmo ano.

Tanto o meu médico assistente como as pessoas que conheciam a minha doença, já depois de eu estar em convalescença diziam que teria que ter uma dieta permanente, evitar excessos e ter sempre um grande cuidado comigo, de contrário podia vir uma complicação e ser fatal.

A's vezes entristecia-me com isso, mas se Deus assim o quizesse resignar-me ia com a sua santa Vontade.

Regressei depois à minha terra natal ainda muito fraca e com febres lentas, ao mais pequeno excesso ficava fatigada, mas sempre com fé que a minha Mãe do Céu me havia de curar completamente.

Aproximou-se o mês de Outubro e eu já em sentia com forças para ir a Fátima cumprir a minha promessa. Nessa data já tinha abandonado quasi toda a dieta, e a pesar de ser uma grande distância de minha terra a Fátima, fiz a viagem de camioneta,

sem me custar muito, e quando regressei sentia-me tão bem disposta, que comecei a comer de tudo e até ao dia presente nada me tornou a fazer mal. Hoje, graças ao meu Deus e à minha Mãe Santíssima, encontro-me como antes da doença.

Estou em Africa desde Junho a pesar do clima ser mau tenho-me dado sempre bem, é muito raro sentir qualquer dor nos rins. Agradeço mais a Nossa Senhora a cura dum meu Tio.

Maria do Carmo Silva Portela

Diversas graças

— D. Palmira da E. Mouzinho Seixas, agradece diversas graças concedidas por N. Senhora em transes difíceis e perigosos que num parto sofreu.

— D. Hortência Gomes, do Funchal, agradece a Nossa Senhora o ter-lhe alcançado a cura de diabetes que há 3 anos soffria.

— D. Maria da Assunção Sousa Pinto, de Marco de Canavezes, agradece a Nossa Senhora uma cura de que foi objecto.

— D. Genevosa Farinha, agradece a cura de uma sua filha que há muito tempo soffria com uma ferida purulenta.

— D. Raquel da Encarnação Lopes, de Lisboa, agradece duas curas, uma a seu marido e outra a sua filha Adélia.

— D. Angelina Joaquina de Oliveira, do Porto, agradece a Nossa Senhora o tê-la livrado de ser sujeita a uma operação cirúrgica, e os notáveis alívios em uma doença declarada incurável pelos médicos.

— Uma Anónima precisava uma operação e pediu a Nossa Senhora por intermédio das almas do Purgatório que lhe valesse e a doença desapareceu não sendo necessária a operação. A mesma agradece outra graça em favor de um moribundo.

— A Senhora Condessa de Margaride, Guimarães, agradece um favor que lhe foi concedido por Nossa Senhora.

— Inácia de Jesus V.ª, da Torre, e Manuel Rodrigues da Silva, do mesmo lugar, tendo recebido grandes favores de Nossa Senhora vêm agradecer-lhos publicamente.

— D. Beatriz Amélia dos Santos Cortês, de Macau, soffria de reumatismo infeccioso a ponto de nem para comungar poder ajoelhar-se. Fez uma novena a Nossa Senhora e obteve a cura que vem publicar e agradecer a Nossa Senhora.

— Maria Júlia Caelela Gaió, de Leiria, agradece uma graça temporal alcançada por Nossa Senhora da Fátima.

— José Luis Patricio, de Póvoa de Varzim, agradece a cura de uma dor sciática que há 14 meses o affligia; e a cura de garrotinho e surdez de que durante muito tempo soffreu.

— D. Laurinda do Carmo, agradece a Nossa Senhora a vida de sua mãe de 94 anos que tendo dado uma queda mortal em cujo curativo houve a rutura duma artéria, se considera livre de perigo.

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte	249.697\$65
Papel, composição e impressão do n.º 101	3.369\$50
Franquias, embalagem, transporte, gravuras, etc.	98\$80
Com a administração em Leiria.	62\$50
Total...	245.116\$45

Donativos vários

P.º Manuel Antunes Dourado, Lubanga, 200\$00; Maria do Carmo S. Portela, Benguela, 17\$50; Georgina Ramos Lopes, Azurara, 20\$00; Joaquim Silva Carvalho, Vagos, 115\$80; P.º Evaristo Correia Gouveia, Açores, 60\$00; Luiza Maria Teixeira Borges, Lisboa, 50\$00; Maria Noémia de F. Coelho, Açores, 15\$00; Guilherme do C. Pacheco, Vila Flor, 20\$00; Maria de J. de P. B. do Amaral, Coimbra, 15\$00; Virginia Amália C. Lampreia, Salvado, 15\$00; Inez M. Sequeira Coelho, Diu, 30\$00; Doentes do Sanatório Rodrigues Semide, Porto, 35\$00; João Caetano, Praia da Victoria, 24\$00; Domingos de J. Barros, Marinha G., 15\$00; Maria A de Oliveira, Soure, 15\$00; Maria Leonor de Freitas, Soure, 15\$00; Henriqueta do R. Coelho P.ª, Golpelheira, 20\$00; Maria Amélia Marques, Viseu, 20\$00; Maria Rosa Cunhal, Coruche, 20\$00; Maria do Carmo Peres, Porto, 15\$00; Roberto Luís Monteiro, Madeira, 20\$00; Albertina Julia da Silveira, Lisboa, 30\$00; Francisco de Albuquerque e Ornelas, Alcains, 20\$00; Maria Ribeiro da Silva, Guimarães, 20\$00; Condessa de Margaride, Guimarães, 20\$00; P.º Francisco F. da Silva, Póvoa do Varzim, 60\$00; Margarida Vieira, Vila da Faria, 15\$00; José Silva, California, 21\$90; Maria Rezendes, California, 21\$90; P.º Etienne Heugebaert, Palestina, 20 fran-

cos; Igreja de Maceira, Leiria, 46\$40; Angelina C. Rosa, Évora, 20\$00; P.º Carlo Jorge de F. e Castro, Funchal, 250\$00; Deolinda Pinto de Almeida, Gaia, 20\$00; Manuel Pinto Moreira, Gaia, 20\$00; Maria Leonor Coutinho, Viana do Castelo, 20\$00; C.º Luis de Almeida, Braga, 100\$00; Candido dos Santos Oliveira, Boticas, 17\$50; Alberto Julio Monat, Lisboa, 212\$00; Crianças do Colégio de Ponte de Lima, 16\$00; João Albino Custodio, Moledo, 35\$00; Maria da Encarnação Barão, A. de Pera, 17\$50; P.º Joaquim Beirão, F. de Capareiros, 142\$50; Corporação do Culto Católico, Bragança, 100\$00; Henriqueta da F. T. Viana, Santarém, 15\$00; Joaquim Duarte, Cortegana, 20\$00; Graciano F. G. Palha, Cartegana, 20\$00; Maria C. G. Palha, Quinta do Rocio, 20\$00; Sofia de Melo, América, (1 dalar); Maria da Glória Medeiros, América, (1 dalar); Felizbela Henriques Loureiro, Nelas, 15\$00; Francisco C. Seramago, África (10 shillings); P.º Tomaz de Aquino Silveiras, Gaia, 150\$00; Casa de Saúde de «S. Rafael», Açores, 50\$00; Manuel Domingos Ferreira, Brasil, 50\$00; Sofia Maria S. Regalão, Abruñeira, 15\$00; Conceição Marques, Porto, 15\$00; Manuel de Nobrega, Madeira, 20\$00; Abílio Bandeira Dias, Ermezinde, 20\$00; Luís V. P. da Costa, Coimbra, 20\$00; José J. P. Ribeiro, Viana do Castelo, 20\$00; José F. de Almeida, Brasil, 20\$00; Izalina de Ab. Sarmento, Macedo de Cavaleiros, 20\$00; Maria J. C. Frazão, Santarem, 20\$00; Benjamim António Ferreira, Borba, 20\$00; António D. Falagueiro, Lisboa, 20\$00; Filipa Eugénia e Silva, Fora, 15\$00; Duquesa de Palmela, 100\$00; Piedade Primavera, L. Marques, 50\$00; Joaquim Lopes da Silva, Cabo Verde, 25\$00; António Vicente, Chaiça 15\$00; Maria Izabel M. L. Russo, Castelo de Vide, 25\$00; Guilhermina A. Lemos, Gaia, 15\$00; P.º Manuel R. Pontes, Póvoa de Varzim, 117\$50; P.º João Cesar de Lacerda, Penedono, 15\$00; Maria de Jesus P.ª, Penedono, 15\$00; Margarida dos Santos Silva, Lagares, 21\$00; Francisco de P. Rocha, Coimbra, 20\$00; Guilherme Plantier Martins, Lisboa, 20\$00; Igreja da Graça, Lisboa, 100\$00; Maria dos Anjos F. da Silva, Parede, 15\$00; Igreja de Pedrouços, Lisboa, 120\$00; Igreja da Ajuda, Lisboa, 40\$00; Maria Emília M. Rosa, Portalegre, 20\$00; Catarina B. Peralta, Niza, 20\$00; Júlia S. Ventura, Gáfete, 20\$00; Clara Ferreira, Gáfete, 20\$00; P.º José Dias V. Napoleia, V. F. de Xira, 15\$00; Igreja da Madalena, Lisboa, 40\$00; Beatriz Silva, Lourdes, 20\$00 e P.º António dos Santos Alves, Córtes, 20\$00.

Esmolas obtidas em diversas igrejas, quando da distribuição de jornais:

Na Igreja de São Tiago de Cezimbra, nos meses de Novembro e Dezembro de 1930 e Janeiro de 1931, pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Gertrudes do Carmo Pinto, 86\$00; na Igreja de S. Mamede, em Lisboa, nos meses de Dezembro de 1930 e Janeiro de 1931, pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Laura Gouveia, 20\$00; na igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, no mês de Janeiro de 1931, pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Matilde da Cunha Xavier, 17\$70.

Aos pais

Há em todas as casas de educação alguma destas pestes vivas, desses demónios em carne, que só tratam de corromper o que há de mais amavel no mundo, um menino ou menina inocente.

Por uma desgraça muito frequente, travou um colegial relações com um companheiro corrompido, escravo dos actos mais vergonhosos, o qual acendeu no coração do companheiro o fogo criminoso que o abrasava.

Tornou-se desde então um grande libertino. Sentiu-se uma noite assaltado por uma doença desconhecida. A família, assustada, cerca-o de carinhos e cuidados.

Tentam socego-lo; um sacerdote chamado a toda a pressa, inclina-se sobre o seu leito e pergunta-lhe a causa do seu sofrimento repentino; e o jovem quasi moribundo lança-lhe um olhar desvaído e pronuncia com voz terrivel estas lúgubres palavras: desgraçado daquele que me perdeu!

—Socega, meu filho, disse-lhe o padre; e o jovem, desesperado, repetiu: desgraçado daquele que me perdeu.

—Meu filho tem confiança, volteu-lhe o sacerdote; e o mancebo, apenas de 12 anos, repetiu pela última vez: desgraçado daquele que me perdeu e expirou torturado por horribes remorsos...

—Ah! se os pais vigiassem mais...

A Santa Missa

«Tôdas as boas obras reunidas não equivalem ao santo Sacrificio da Missa, porque são as obras dos homens e a Missa é a obra de Deus. O martirio não pode comparar-se-lhe: é o sacrificio que da sua vida o homem faz a Deus! A Missa é o sacrificio que Deus faz ao homem do seu corpo e do seu sangue. (diz o Santo cura d'Ars).

Oh! como o padre é alguma coisa de grande! (continua êle)! Se o comprehendesse, morreria... Deus obedece-lhe: ditas duas palavras, Nosso Senhor desce do Céu à sua voz e encerra-se numa pequena hostia. Deus põe os seus olhos no altar e diz: «Eis aí o meu Filho muito amado em quem tenho tôdas as minhas complacências».

Aos méritos da oblação desta victima nada pode recusar. Quem tiver fé, verá Deus oculto no padre como uma luz atraz dum vidro, como vinho misturado com água.

Após a consagração, quando tenho nas minhas mãos o santissimo corpo de Nosso Senhor e quando nas minhas horas de desanimo, não me julgando digno senão do inferno, digo a mim mesmo: «Ah! se ao menos eu pudesse leva-lo comigo! Junto dele, o inferno seria suave; não me custaria ficar lá toda a eternidade a sofrer, se estivessemos juntos... Mas já não seria o inferno: as chamas do amor apagariam as da justiça».

Como é belo! Depois da consagração, o bom Deus está no altar como no Céu!... Se o homem conhecesse bem este mysterio, morreria d'amor. Deus oculta-se por causa da nossa fraqueza.

Um padre, depois da consagração, duvidada que algumas palavras suas pudessem fazer descer Nosso Senhor ao altar. No mesmo instante viu a hostia toda vermelha e o corporal tinto de sangue.

Se nos dissessem: «A tal hora ha-de ressuscitar um morto, correriamos para ir vê-lo. Mas a consagração que muda o pão e o vinho no corpo e no sangue dum Deus, não é um milagre maior do que a ressurreição dum morto?»

Assim como o ferro metido no fogo perde a ferrugem e se faz resplandecente, assim o homem, que inteiramente se converte a Deus, é livre de toda a tibieza e mudado em novo homem.

Imitação de Cristo, Liv. II, Cap. IV.

FÁTIMA a Lourdes Portuguesa

Impressões de viagem pelo Doutor LUIS FISCHER
Professor da Universidade de Bamberg, (Alemanha)

Tradução do Rev. SEBASTIÃO DA COSTA BRITES, pároco da Sé Catedral de Leiria

Preço 5\$00; pelo correio, 5\$70

Este livro muito interessante, cuja primeira edição alemã de 10.000 exemplares se esgotou na Alemanha em 4 meses encontra-se à venda na UNIAO GRAFICA, Travessa do Despacho, 16 - Lisboa, na VOZ DE FATIMA, em Leiria e no SANTUARIO DE FATIMA.

Lágrimas bemditas...

Todos os sofrimentos ou decepções desta mundo não são afinal tendo meios de nos fazer compreender a única realidade: o amor de Jesus Cristo.

(Dum autor contemporâneo)

O João da Carvalheira era um rapaz de estatura mediana e bem apessoado. Tez morena, cabelo preto, olhos quasi sempre encobertos pela aba do chapéu puxado sobre a testa poucos o viam rir em publico.

Na intimidade mudava um pouco e tomava por vezes atitudes que eram verdadeiros requintes de delicadeza mesmo com adversários.

De tal maneira sabia estampar no rosto a aparência dum sorriso sincero e amigo que muitos lh'o julgavam natural.

Ao prestar um serviço parecia querer humilhar-se como um servo diante do senhor.

Parecia...
Que na realidade o João da Carvalheira era muito diferente das aparências.

Conheci-o como aos dedos das minhas mãos.

Somos da mesma aldeia. Brincamos juntos tanta vez... Tanta vez rimos e chorámos...

Já lá vão anos mas esses dias despreocupados não passam da memória e, recordados, são de uma infinda doçura.

Chamavam-lhe como ao pai e ao avô o João ou o Joãozinho da Carvalheira, porque, junto da casa, num pequeno largo, se levantava frondosa e gigantesca carvalheira que era ao mesmo tempo como que a protectora da familia e o elo de ligação de muitas gerações.

Como eu gostava de lhe brincar à sombra!

Que doçura imensa a daquelas tardes, de verão passadas ao pé dela, em mil devaneios e passatempos infantis!...

Dávamo-nos bem. Eu tinha génio mas elle sabia levar-me. Os pequenos amúos, não duravam sequer o tempo dum Padre Nosso.

A infancia liga sempre e muitas vezes para sempre. A carvalheira, a escola que ambos frequentámos a doutrina, a que fomos juntos aprender, primeiro, e depois ensinar, fizeram-nos sinceramente amigos.

Cada um depois seguiu para seu lado. Ele para o comércio, eu para o Santuário.

Nunca mais nos vimos. Ouvi falar de-le uma ou outra vez.

Escrevi-lhe a dar-lhe os parabens por ocasião do casamento.

Ha dias recebo esta noticia fulminante:

«O João da Carvalheira está preso...»

— É impossível!

— É o que te digo.

— Enganas-te com certeza.

— Já ha confusão...

— Qual confusão?! Acabo de o saber confidencialmente por uma pessoa que vem de X.

— O quê o João da Carvalheira preso?!...

— Ele um rapaz tão assente em creança, tão bonzito, tão bem educado pelos pais...

— Que queres? São coisas...

— Mas afinal porque foi?

— Muito simples. Acusado de desviar umas dezenas de contos da empresa para que trabalhava.

— Que horror!... Pobres pais. Como não de sofrer com isto.

— Ainda não sabem nada.

— Mas quando o souberem...

... ..

Quem me contava isto conhecia-nos aos dois. Não havia que duvidar. Quis saber de que se tratava.

Convidei-o a sentar-se.

— «Mas afinal, continha elle ao puzar a cadeira, afinal não ha que admirar. A semente estava lançada, o fructo havia de vir.»

Esmagado com a noticia não tive coragem para retorquir.

«De ha uma temporada já que eu seguia a vida daquele rapaz.

Fazia-me espécie aquele todo dele. Custava a compreender.

Havia nele contradições flagrantes.

Não imaginas por exemplo a propaganda que elle fazia de ideias extremistas.

O filho dum pobre aldeão transformado em propagador de bolchevismo.

Mas era a valer.

Em questões sociais, em religião e não sei se em costumes também.

Era combativo.

Reunido onde elle se encontrasse durante meia-hora havia necessariamente de lhe ouvir baboseiras, expostas porém com tal ardor que muitos se calavam, como se aquilo fosse irrespondível.

A maneira sarcástica, escarvinha de que se servia no ataque dava-lhe uma violência temível.

Desarmava o adversário mais bem preparado.

Um turbilhão de ideias de hipóteses e susposições fervia-me na imaginação quando o meu interlocutor como a advinhá-lo elucida:

— Era um rapaz mal formado.

— Ah! Isso não!

Pobres pais!... Foram sempre tão honrados tão cuidadosos na educação dos filhos. Não! Não os faças responsáveis das poucas vergonhas desse filho degenerado.

— Contudo...

— Contudo... o quê?

— Ora ouve...

Eu estava sufocado. Precisava de ar. Levantámo-nos e viemos para uma varanda donde a vista se perdia, ao longe, num horizonte límpido de céu e montes anilados e, ali ao pé podia descansar em dois lindos exemplares de roseira chá em plena floração outonal.

— Que lindas rosas!... E que fortes que estão as roseiras!

Mas como pelo meu silêncio julgasse que não ouvia reata a conversa.

— «Não é assim que se educa uma criança, que se forma um homem.

Pegaram nele e meteram-no entre caixeiros de moral fácil e de religião muito sua.

O rapaz era tímido. Tantas ouviu que por fim cedeu.

Primeiro foram certas concessões vergonhosas a que os companheiros o arrastaram Depois da castidade, era inevitável, foi-se-lhe a fé.

Na livraria os piores autores eram para elle.

Emílio Rossi, Renan, Zola, Strauss, Karl Marx, Lenine e os bárbaros ideologistas da Rússia eram seus conhecidos e amigos.

Fóra não tinha ninguém que o amparasse.

A familia confiava estupidamente na santidade do pequeno anjinho que lhe saíra a porta da casa, não imaginando sequer que não podia já reabrir sendo a um grandíssimo diabo em carne e osso.

Abandono, companhias e leituras atiraram-no ao fundo da prisão.

Calou-se por um pouco e olhava-me demoradamente.

Eu precisava de descansar sobre a agitação daqueles momentos.

Dei-lhe três dos mais lindos botões de rosa que elle levou à mãe.

E fiquei-me ali...

Três dias depois, apoz grande luta fui à prisão visitar o João da Carvalheira.

Estava abatido.

O cabelo comprido, e desganhado, os cantos da boca descidos, os lábios salientes, os olhos fundos mas vivos a scintillar irrequietos davam-lhe o aspecto dum verdadeiro criminoso.

Senti repulsa por elle.

Mas venci-me e entrei.

Mais do que nunca devia agora mostrar-lhe que era amigo.

Só quando me viu junto dele, me reconheceu.

Abracéi-o affectuosamente.

Não queria...

— Não me toques, diz elle, sou um ladrão... A tua batina pode manchar-se de encontro à bata do recluso.

— Pelo amor de Deus não fales nisso. Esqueces-te da nossa amizade de infancia.

— Não, meu amigo. Mas eu não sou o João da Carvalheira, da escola e da doutrina.

Tu não devias vir aqui.

— Se precisares de mim para alguma coisa...

— Não, eu enlamecei o nome de meus filhos e destruí a reputação de meus pais. Não mereço a tua amizade.

Duas lágrimas grossas só as senti cair, que em voz levemente nublada rematou:

— Olha. Quando poderes manda-me Os Evangelhos e as Epistolas. Queria ler.

E agora vai-te... vai-te embora... que isto faz-te mal.

... ..

Mandei-lhe o que me pediu e, juntamente aquela jóia de literatura e piedade que são as «Confissões de Santo Agostinho».

Visitava-o todos os oito dias e ia assim seguindo a acção da graça na alma dele.

A beleza sublime das páginas sagradas de que elle andava de há tanto tempo divorciado encantaram-no.

“ENSINAI...”

Pelo sinal da Santa Cruz

O fim desta secção

Não há muitos anos ainda que em plena Lisboa ao longo duma rua frequentada e ladeada de ricos estabelecimentos com montras, descia um grupo de rapazitos do povo.

Em frente duma dessas montras estacam de repente e ficam-se a contemplar admirados.

Era na Semana Santa.

No centro levantava-se magestosa e atraente a figura do Santo Crucifixo.

Um dos pequenos ante a admiração comovida mas ignorante do grupo explica a significação da imagem e a história de tal morte.

Ao ouvir a narração simples mas calorosa mais do que um chorava com pena dAquele Jesus a quem só agora começava a conhecer e que sofrera assim por amor dele.

A história contou-a numa linda página a pena scintilante dum sacerdote que só de vez em quando faz uma breve sortida do seu retiro para logo nos deixar cheios de saudade e de pena.

Quantas almas não há que nos lêem, sem conhecer a pessoa Adorável de Nosso Senhor Jesus Cristo nem a sua doutrina.

Pouco a pouco na humildade das suas páginas a «Voz da Fátima» será também a voz dum pequenito a falar de Jesus, das suas coisas e da sua doutrina a tantas almas pequeninas espalhadas por esse mundo além...

Para que servia a Cruz

Dantes não havia pela cruz o amor que hoje há.

Entre os vários géneros de morte violenta: o apedrejamento, a decapitação etc., um dos mais cruéis sendo o mais cruel era o da crucifixão.

Levavam o condenado fora da povoação e ali o atavam ou pregavam de pés e mãos aos braços da cruz.

Levantavam-na ao alto e nela deixavam a vítima. Porisso ella era nos tempos antigos objecto do mesmo horror e do mesmo ódio que ainda hoje se tem pela força e coisas semelhantes.

Era um instrumento de morte: todos fugiam dela.

Porque a estimam hoje tanto?

Ao emprender a obra de nossa salvação e resgate quis Nosso Senhor Jesus Cristo completá-la com a sua Paixão e Morte dolorosissima no alto do Calvário — uma pequena colina às portas de Jerusalém.

Por maldade e ódio dos Judeus foi o Senhor injustamente condenado à morte de cruz.

Levou-a aos ombros, através das ruas de Jerusalém e nela O pregaram de pés e mãos.

Porque a cruz foi o meio e instrumento de que o Divino Salvador se serviu para, morrendo nela, nos remir; porisso é que os cristãos lhe têm tanta estima e amor.

Assim como a gente olha com res-

A cândida ingenuidade e franqueza de Santo Agostinho foram lavadas de lágrimas.

Pouco a pouco moveram-no...

Fez-se luz e luz esplendorosa.

... ..

Um dia destes, em companhia da mulher, que se conservava boa, e dos filhotos, que choravam sem saber porquê, recebia a Sagrada Comunhão depois de se confessar.

Jesus desce àquella alma inesperadamente rehavida e faz da mansão do crime um novo trono donde, em fulgurante scintilação se apresenta às almas trabalhadas pela dôr, como a única fonte segura e inesgotável de perdão, de paz e Amor.

Leiria, Dezembro de 1930.

Galamba de Oliveira

... ..

... ..

peito para a espada dum guerreiro illustre, ou para a pena dum escritor notável, assim também deve com razão olhar amorosamente para a cruz imagem daquella em que Nosso Senhor venceu o Seu e o nosso inimigo fidalgal.

O sinal do cristão

Quando os cristãos tiveram de escolher um sinal e distintivo da nova religião não encontraram nenhum que melhor se prestasse do que o sinal da cruz.

E a cruz levanta-se hoje como um simbolo de amor e de paz no alto das nossas torres, na frontaria das igrejas, sobre a campa e sobre o leito, na casa cristã e no altar do Senhor.

Quando as nossas cavaleiras sulcavam os mares desconhecidos levavam nas velas impresso o sinal da cruz; era elle que marcava os limites do território descoberto ou conquistado e ainda hoje, se novos feitos de glória vêem honrar a Pátria, é ainda sob o signo redentor da Cruz de Cristo!

Como é triste vê-la quebrada e suja, poluída e despresada pela nossa Terra e pela nossa Gente que, se alguma coisa foi e é o deve à Cruz.

E mais triste ainda quando esses que a ofendem pertencem ao povo humilde. Ah!

... ..

... ..

«Deslembrem-se

De que a paz doméstica a pureza do leito conjugal bruta violência não vem contaminar, se a filha virgem do humilde camponês não é ludibrio do opulento, do nobre, oh cruz, t'o devem!»

(Herculano — Harpa do Crente)

Como se há de tratar a Cruz

O bom cristão há-de, pois, mostrar sempre por ella um grande amor, veneração e respeito.

Na sala, na casa de fora, ou na casa de entrada e nos quartos deve estar sempre a santa cruz.

Deve-a trazer sobre o peito como a coisa muito querida.

Mas não, como muitos a põem, irreverentes, à mistura com symbolos de bruxedo e superstição e outros objectos indecorosos, que é grande peccado tratá-la assim.

Hão-de descobrir-se ao passar por ella, à beira dos caminhos ou onde quer que seja.

Hão-de fazer com que a cruz, tornada objecto do seu entranhado amor, seja ao mesmo tempo o simbolo e a imagem de toda a sua vida numa imolação constante, numa entrega absoluta de todo o seu ser nas mãos de Deus de maneira que, crucificado, com Cristo Nosso Senhor com Elle possam gloriosamente resuscitar e ser coroados.

Uma alma pequenina

Quanto melhor te dispões para padecer tanto mais prudentemente obras, e tanto mais mereces; e levadas tudo facilmente, tendo preparado o teu animo com o costume e a constância.

Imitação de Cristo, Liv. III, cap. XIX.